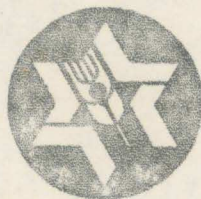


# IACHAD

HANAGA' ARTZIJT Brasil

יהודי

№ 3  
Setembro 1983

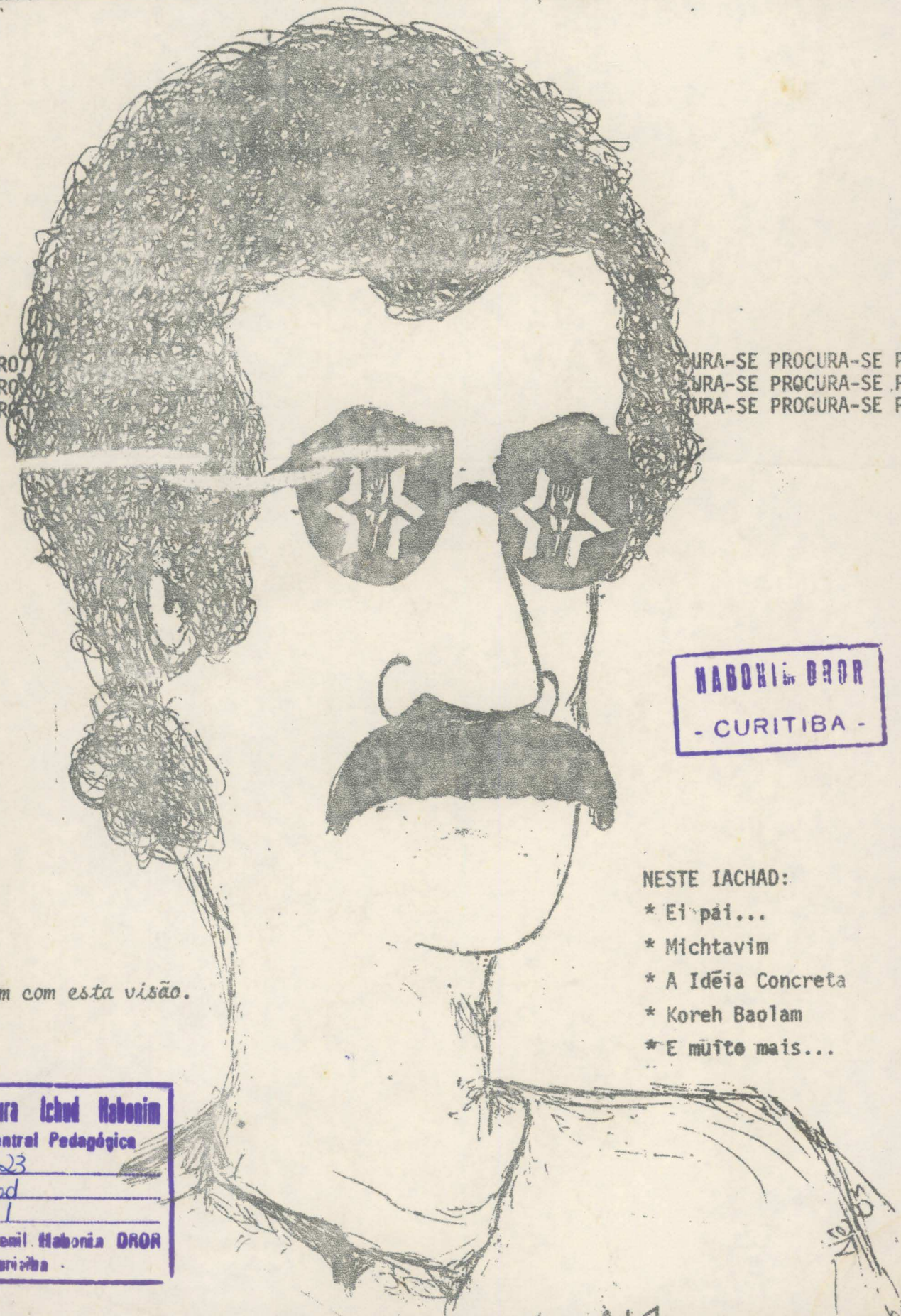


הבונים דרור  
חננע נוער חלוצית



A-SE PROCURA-SE PRO  
A-SE PROCURA-SE PRO  
A-SE PROCURA-SE PRO

PROCURA-SE PROCURA-SE PRO  
PROCURA-SE PROCURA-SE PRO  
PROCURA-SE PROCURA-SE PRO



**HABONIM DROR**  
**- CURITIBA -**

...um homem com esta visão.

- NESTE IACHAD:
- \* Ei pái...
  - \* Michtavim
  - \* A Idéia Concreta
  - \* Koreh Baolam
  - \* E muito mais...

**Casa de Cultura Ichud Habonim**  
**SIFRIA - Central Pedagógica**  
 N.º da Pasta: 23  
 Assinatura: Iachad  
 N.º de Cópias: 1  
 Movimento Jovenil Habonim DROR  
 - Curitiba -

112



EDITORIAL

"A PREPARAÇÃO DO KINUS FOI SÉRIA?"

"SERÁ VÁLIDO E AJUDARÁ EM ALGO O KINUS?"

Quanto à primeira pergunta, não há dúvida de que sua resposta é positiva, pois que a preparação do kinus teve a vantagem de contar com a participação dos que realmente estavam interessados em levar o clima de discussões que de fato ajudasse efetivamente a tnuá a encontrar as suas respostas. Ainda que a participação de representantes de cada kvutzá se fez bastante importante, pois é a partir de um debate e consequente posicionamento destas kvutzot é que poderemos chegar a um Kinus satisfatório. Ficar pensando que o kinus, pra ser bom, depende só de uma meia-dúzia é querer achar o caminho dentro de um labirinto no meio de uma escuridão. Só com o nosso esforço e vontade de construir uma tnuá mais séria que teremos este tão ansiado ki is. Não podemos fazer se repetir o que foi a última veidá. Não podemos aceitar a realização de um "congresso" que não se disponha a encontrar, de maneira clara, as atuais bases e um posicionamento mais atuante à frente dos problemas que nos afligem. É necessário que os chaverim da tnuá tomem consciência do real tamanho e importância desta. É necessário que os chaverim comecem a buacar, dentro da tnuá coisas para fazer. Digo coisas, no sentido mais amplo que se possa imaginar. Assim como também é igualmente necessário que a tnuá comece, de uma forma mais dinâmica e ativa a criar espaços mais diversos que venham a satisfazer a seus chaverim. E não há como distinguir a primeira etapa da segunda, pois chaverim e tnuá são a mesma coisa. No mais o que vale é, por mãos à obra tendo à disposição de ajudar sempre.

ALEH VEAGSHEM!

R.S./G.P.



A palavra "Tnuã" deixa lugar a muitas dúvidas. O importante é que a vontade de responder a estas dúvidas não sejam intimidadas, pois ela só traz o amadurecimento da própria tnuã.

Responder às dúvidas de hoje significa andar em frente ao encontro das dúvidas de amanhã. Ao mesmo passo, não respondê-las leva a uma crise de estagnação em que nos vemos sem a possibilidade de objetivarmos-nos para alcançar nossos ideais.

O papo de que o movimento deve viver em constantes interrogações e questionamentos sem fim deve ser melhor analisado pois ninguém quer ficar com uma dúvida na cabeça por muito tempo.

Podem existir respostas diversas e discuti-las com o intuito de construir algo melhor é tarefa de cada um dentro da tnuã.

É nesse quadro que eu vejo a tnuã atualmente. Estagnada diante de tantas perguntas que há muito já deveriam estar respondidas e só não estão pois a tnuã não cumpre o papel de um marco ideológico e atuante dentro das comunidades que a cercam.

Não estou dizendo de jeito algum que antigamente a tnuã cumpria este papel e muito menos estou dizendo que por ela ter sido assim hoje em dia ela deveria permanecer assim. Isto pode até ser verdade, mas é irrelevante comparada à atual situação da tnuã. É irrelevante, pois ficar dizendo que devemos voltar a ser o que éramos, ou que o passado da tnuã era melhor, não vai nos tirar dessa crise.

Só o que pode nos tirar dessa crise é sabermos expor as perguntas que ora nos afligem e tomarmos uma posição diante delas ou seja, diante de nossa atual situação de jovens judeus do galut.

Gerson

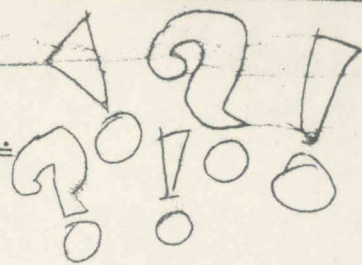


HABONIM DROR  
- CURITIBA -





PAI. ME DIGA O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI.



Depois de algum tempo de reflexões, cheguei a uma brilhante conclusão em relação à famosa "crise" pela qual a tnuā está passando: Ela não existe! Não se assustem que eu vou explicar tudo direitinho.

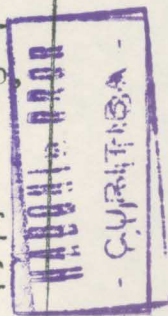
Vou começar pelo começo. Tudo começou quando eu entrei para as tão esperadas shichavot Borrot, com aquele ânimo de solel recém-bonê, doido para descobrir o que os mais velhos fazem no snif. Qual foi a minha decepção ao ver que não faziam (fazem) nada. É aí que começa o questionamento de um bonê (que tenha um mínimo de idealismo e amor pela tnuā), o qual começa a ver os podres da tnuā, com as tradicionais perguntas: "Onde estou?", "Que estou fazendo aqui?", "Para onde vou?". Nesta hora que é importantíssimo o apoio dos chaverim mais velhos, não pessoalmente e sim em chevrā, para o cahnich, e com a falta desse apoio o chanich se perde dentro da tnuā (por mera coincidência isso não aconteceu comigo).

Depois dessa introdução sacal, cheguei onde eu queria: o motivo pelo qual os chaverim não podem dar esse apoio em chevrā ao chaver. Não sei se alguém já reparou, mas 90% (ou mais) do potencial físico e intelectual de trabalho dos chaverim em peilut na tnuā é empregado com tzofim e solelim, enquanto que quase nada reverte para nós mesmos, quando deveria ser o contrário. Não que eu não ache importante o trabalho com tzofim e solelim, mas antes de transmitir algo para eles precisamos saber o que somos, o que transmitir, por que existirmos como chevrā (serā que existimos como chevrā?), como transmitir, o porquê de transmitir, e, principalmente, nos encontrarmos como uma kvutzā unida por idéias e força de realização.

Isso que chamam de crise não é nada mais que a nossa falta de interesse por nós mesmos. Apesar de eu estar me baseando no snif Curitiba, acho que a situação não difere muito dos outros snifim. Se em cada três atividades com chanichim fizéssemos uma para as shichavot boqrot, estaríamos melhorando em 200% do que somos atualmente. Por exemplo: no snif Curitiba de três anos prá cá este é o primeiro semestre no qual os shabatot tem sido um pouca mais frequentes. Hoje em dia, na tnuā, ninguém sabe o que o outro sente pela tnuā, o motivo pelo qual o outro está na tnuā, quais são os ideais e posições do outro e da tnuā, e isto para não dizer que não sabem disso nem sobre si mesmos (mas isto é outro ponto a ser discutido). Com isto tudo, dá prá ver a falta de chevrā entre os chaverim da tnuā. Na atual realidade, o único tafkid para o qual é dada importância é o de hadrachā, principalmente com tzofim/solelim, o que faz com que muita gente, sem nada a ver com a tnuā, venha brincar de ser madrich. Acho que está na hora de todos nós pararmos um pouquinho para nos questionarmos sobre isso senão, quando nos dermos por conta, a nossa tão querida tnuā não será mais nossa.

Bom, espero que isto sirva de incentivo para alguém. Me despeço com um murmúrio de aleh veagshem, que se D"s, ou melhor, se a gente quiser voltará a ser um forte grito de ALEH VEAGSHEM!

RICARDO SASSON - MAAPIL - CURITIBA





Oswaldo Montenegro

2

Que a força do medo que tenho  
 Não me impeça de ver o que ansêio  
 Que a morte de tudo em que acredito  
 Não me tape os ouvidos e a boca  
 Pois metade de mim é o que eu grito  
 A outra metade é silêncio

Que a musica que ouço ao longe  
 Seja linda ainda que tristeza  
 Que a mulher que amo  
 Seja para sempre amada mesmo que distante  
 Pois metade de mim é partida  
 A outra metade é saudade

Que as palavras que falo não sejam ouvidas como prece  
 Nem repetidas com fervor  
 Apenas respeitadas como a única coisa  
 Que resta a um homem inundado de sentimentos  
 Pois metade de mim é o que ouço  
 A outra metade é o que calo

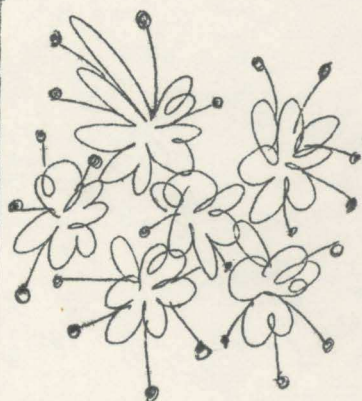
Que a minha vontade de ir embora  
 Se transforme na calma e paz que mereço  
 Que atensão que me coroi por dentro  
 Seja um dia recompensada  
 Poque metade de mim é o que penso  
 A outra metade um vulcão

Que o medo da solidão se afaste  
 E o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável  
 Que o espelho reflita meu rosto  
 Num doce sorriso que me lembro ter dado na infância  
 Pois metade de mim é lembrança do que fui  
 A outra metade não sei

Que não seja preciso mais que uma simples alegria  
 Para me fazer aquietar o espírito  
 E que o seu silêncio me fale cada vez mais  
 Pois metade de mim é abrigo  
 A outra metade é cansaço

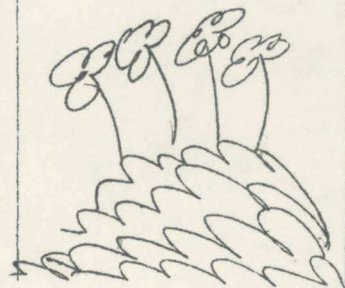
Que a vida me aponte uma resposta  
 Mesmo que ela mesmo não saiba  
 E que ninguém a tente complicar  
 Pois é preciso simplicidade para fazê-lo  
 florescer

Pois metade de mim é minha gente  
 A outra metade é canção



Que a minha loucura seja perdoada  
 Pois metade de mim é amor

E a outra também





Em nenhum lugar do mundo são as ideias abstratas as que impulsionam as massas populares ao progresso, pois que o movimento que leva a isso é muito mais profundo que os revolucionários socialistas suspeitam e ao que corresponde aos judeus - em muito maior quantidade que entre as demais nações oprimidas em seu país e em seu solo - é preciso que a independência nacional preceda todo o progresso político social. Um solo nacional comum é para eles a condição sine qua non de relações de trabalho normais. O homem, ser social, necessita de um território suficientemente amplo e livre para que possa desenvolver e render os seus frutos. Carecendo deste solo desce para a categoria de parasita, que se nutre e se sustenta nas costas de um outro que produz. Este estilo de sobreviver nas costas do próximo desempenha um papel considerável no desenvolvimento da humanidade mas de modo algum constitui uma marca exclusiva dos judeus.

Os povos civilizados se dispõem a explorar ombro-a-ombro as riquezas naturais por meio do trabalho baseado no progresso da ciência, que tem deixado de estar subjugada aos parasitas da intermediação, e que, conseqüentemente, não haverá de permitir a existência destes. Esses povos ingressam na nova era aproveitando-se de sua própria terra nacional, fazendo-a livre por meio da anulação do poder racial e do domínio classista, agrupando-se livremente numa união soberana de forças criadoras que haverão de excluir do mundo a contradição entre a especulação dos capitalistas, por um lado, e o trabalho produtivo, tanto no aspecto filosófico como também na criação prática.

Nunca me ocultou o fato de que também no seio do judaísmo deixa-se sentir uma profunda necessidade de relações de trabalho normais, baseadas na exploração das riquezas naturais por meio do homem. Sempre fui consciente dos tremendos esforços para educar a geração jovem judaica de modo que seus membros pudessem transformar-se em homens úteis de trabalho. Mas da mesma maneira jamais deixei de ter presente que na diáspora os judeus, ao menos em sua grande maioria jamais poderiam dedicar-se a este tipo de tarefas pois carecem da condição fundamental que é a terra pátria e além disso não podem mesclar-se com os gentios entre os que estão dispersos, a menos que neguem a sua religião nacional de um modo indireto e estes esforços conduzem a destruição da tradição judaica. Pela mesma razão fracassaram todas as tentativas de uma reforma, que leva a uma destruição da tradição judaica por vias diretas, o judaísmo não pode renovar-se na diáspora. Por meio da reforma e dos esforços filantrópicos o que se pode pretender, em suma, é empurrar os judeus a sua conversão e isso não o fará nenhum reformador e nenhum tirano.

As massas do povo judeu só poderão tomar parte do grande movimento histórico da humanidade moderna quando dispuserem de uma pátria judaica que seja efetivamente um lugar nacional para os judeus e que estes disto se conscientizem. Mas todo o tempo que essas massas se fazem sumidas em sua situação tão singular, incluindo estes poucos judeus que tentam infrutiferamente, por todos os meios evadir-se desta vergonhosa condição judaica, se verão necessitados a sofrer um confronto maior que a que sofrem as massas porque essas últimas por mais que considerem sua situação como uma desgraça, não a veem como algo a que devem envergonhar-se. Conseqüentemente nenhum indivíduo judeu, pode fugir da missão de trabalhar por melhorar a situação de todo o judaísmo. Cada um dos judeus, incluindo os conversos, é responsável pelo renascimento de seu povo.



(artigo publicado no jornal "DAVAR")

## OS ENVOLVIDOS DE GEZER

Na entrada do kibutz Gezer ao lado da plaquinha com o nome do kibutz, tem ma is um sinal: "PARE! A DEMOCRACIA ESTÁ EM PERIGO!". Um pouco mais adiante há um túnel de irrigação e pintado sobre ele lê-se: "Shalom Achshav" (Paz Agora). Sherlim Peret' sorri: "Isso mesmo, nós somos do Shalom Achshav." Houve até decisão na asseifã de botar uma faixa na entrada do kibutz, mas alguém decidiu arrancá-la.

Sherlim veio à Gezer há três anos atrás, um kibutz jovem com uma população bas tante diversa: 70% dos chaverim provindos dos EUA, 20% do Brasil e só 10% sabras. Isto é o bastante para explicar o porque do caráter excêntrico desse kibutz.

Em 1974 chegou o primeiro garin do Ichud Habonim - 35 jovens dos EUA e Cana-dã. Mark July relata: "Os primeiros chaverim eram jovens que recém terminaram seus es tudos universitários. É bom lembrar que esta é a época da Guerra do Vietnam e todos nós estávamos engajados em movimentos de protesto e de esquerda. Quando o garin chegou à Israel, propuseram uma condição: que a colonização fosse dentro da 'linha verde', dentro das fronteiras de antes de '67. "Judy, o mazkir, ressalta que esta condição foi o início do envolvimento de Gezer na política e na sociedade israelense.

Sherlin, chaverã e uma das mais envolvidas, não está satisfeita com o ativis mo atual dos chaverim. São justamente as chaverot as que mais se destacam, que mais comparecem a manifestações e passeatas.

Ela explica a dificuldade dos chavrei Gezer, filhos da civilização ocidental; de se ambientar na realidade do Oriente Médio. "Muitos de nós desistiram", ela diz, "mas os que continuam levam muito a sério os princípios e as idéias pelas quais lutamos".

Não encontrei em Gezer muitos chaverim que serviam no exército, que não tenham dúvidas cruéis, quando são chamados a lutar no Líbano ou na margem ocidental. "Nós não só nos preocupamos com a saúde de nossos soldados, nós também nos questionamos so bre a base moral de nossas presenças nessas áreas".

No kibutz Gezer não há trabalho assalariado, e os chaverim muitas vezes são obrigados a fazer horas extras e guissim em trabalhos urgentes na lavoura.

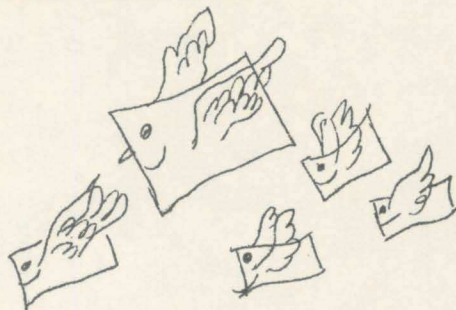
Outra característica forte em Gezer é a igualdade de sexos. Até hoje a pere centagem de maskirot é a mesma de maskirim, enquanto que a média no TAKAM (Movimento Kibutziano Unido) ela é de 11%. Banim trabalhando em casas-de-crianças também é bem popular, tal como podemos encontrar banot dirigindo tratores pesados e carregando canos de irrigação.

Na saída de Gezer passa por nós um trator dirigido por uma das chaverot. Eu proponho à Sherlin fotografá-la em frente à placa de "Shalom Achshav". Sherlin cai em gargalhada: "Mas justo ela que é do 'Tchiã' (extrema direita) ?

מיתמר זלם  
MOTI SHENI



Recife, 22 de agosto de 1983.



Senhor editor do "IACHAD" :

Venho por meio desta, protestar quanto à uma notícia publicada no 1º número deste jornal na seção "Batnuã" .

Em síntese, tal seção noticiara minha aliah ao final do ano, porém, dando antes uma "passadinha" no Beit Bogrim no Rio.

Tal notícia não condiz com a realidade e me 'força' a assumir um compromisso frente ao grande público leitor deste jornal.

Quero com esta carta, desmentir tal notícia e afirmar aqui que não pretendo ir para o Beit Bogrim, e muito menos fazer aliah; se vim passar seis meses no Rio foi apenas para trabalhar em "uma das empresas" de meu tio; lugar onde tenho mais futuro do que no Oriente Médio em meio à guerras e escassez de água.

Espero que erros como o que ocorreu não voltem a acontecer, nem comigo nem com outras pessoas.



Sinceramente,

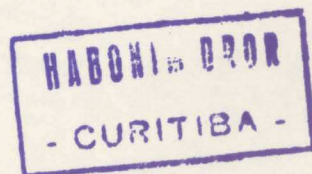
Hélio Pincovsky de Lima (Guabirū)

NOTA DA REDAÇÃO:

Pedimos desculpas ao Sr. Hélio e à nossos leitores, garantindo que tal erro não voltará a acontecer. Certamente tratou-se apenas de um erro na comunicação dos nomes dos integrantes do Garin '84.

Portanto, onde lia-se Guabirū, leia-se agora "Jāder e Zézinho" .

ass. \*O Editor\*



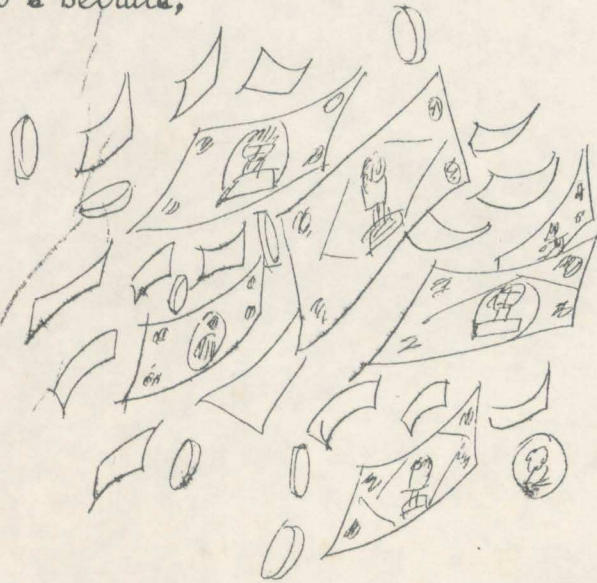
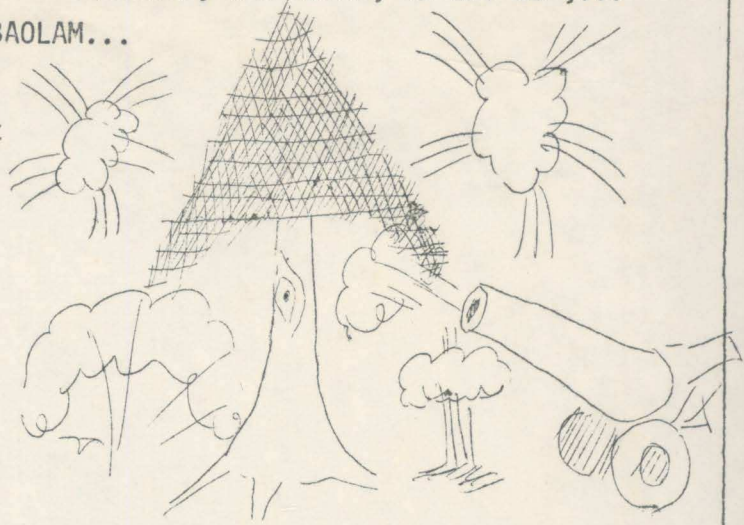


... Beemet, ze koreh, ken koreh, ma ? lo maamin, ken koreh, ha kol ze ,...

KOREH BAOLAM...

- Gemayel Aprova Plano De Paz De Muçulmanos .

O presidente do Libano, aprovou o plano de paz formulado pelos muçulmanos e sírios com mediação do diplomata americano e do príncipe saudita . A aprovação abre a possibilidade de um cessar fogo supervisionado pela O.N.U. acompanhado de uma conferencia entre as facções rivais no conflito Libanes. Apesar disto, os combates prosseguem, com artilharia muçulmana fustigando bairros cristãos e a area do aeroporto de Beiruta,



-Congresso Revoga o 2024, F a Nossa Soberania

O congresso nacional revogou, o decreto-lei, 2024, que dizia respeito ao reajuste salarial fixado em um índice menor do que o INPC, mantendo este de acordo com o INPC. Esta casa já planeja os metodos de revogar o decreto-lei 2045, que fixa os salarios em 80% do INPC, enquanto isto o lider do PDS já procura negociar com a oposição um meio para a aprovação do decreto, que segundo o ministro Delfim é em grande parte um alivo para a inflação no Brasil.

- FLUMINENSE É CAMPEÃO DA TAÇA

Atuando como um verdadeiro campeão, o melhor time do Rio na atualidade, conquistou com muita facilidade a taça GB, jogando um futebol moderno, o tricolor teve o ataque mais positivo da taça, a defesa menos vazada, terminando esta invicto e quatro pontos a frente do segundo colocado, que morreu na praia ....



"NORDESTE URGENTE" a solução ?

A campanha da Tv Globo em prol do nordeste é uma solução ?, Até quando o homem pode aceitar curativos ?. Chega, a solução não é esta, temos que criar uma infra-estrutura capaz de fixar realmente o homem a terra, e isto parece um tanto dificil apesar dos 400 e muitos bilhões de cruzeiros gastos com o nordeste em 5 anos, ( serãque foi com o nordeste), isto tudo que vemos é mais um curativo, sô podemos crer que uma ampla reforma agraria, acompanhada por uma nova politica agricola, e mudanças estruturais ne atual modelo socio-economico, e politico do pais são as medidas que resolvessem .

